



**DEPARTAMENTO DA ÁREA DE SERVIÇOS
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

MARIA JULIA AZEVEDO DE ARRUDA

**TURISMO DE BASE COMUNITARIA NA COMUNIDADE
RIBEIRINHA “PRAIA DO POÇO”
UMA POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO**

**CUIABÁ-MT
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA "PRAIA DO POÇO": UMA OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá - como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Bistaffa de Monlevade

Profa. Dra. Ana Paula Bistaffa de Monlevade
(Orientadora – IFMT)

Almeida

Profa. Ma. Marcela de Almeida Silva
(Examinadora Interna – IFMT)

Costa

Prof. Dr. José Vinícius da Costa Filho
(Examinador Interno - IFMT)

Data: 10/06/2019

Resultado: *Aprovada*

TURISMO DE BASE COMUNITARIA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA “PRAIA DO POÇO” UMA POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO

ARRUDA, Maria Julia Azevedo de¹
Orientadora: Prof^ª. Dra. MONLEVADE, Ana Paula Bistaffa de.²

Resumo

Este texto objetivou compreender se o Turismo de Base Comunitária poderia ser desenvolvido na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço, que está localizada no município de Santo Antônio de Leverger no Estado de Mato Grosso. E como objetivo específico buscou entender se a comunidade concordaria com essa atividade. O artigo é essencial, pois nos mostra como o TBC pode ser uma ferramenta importante de desenvolvimento para a comunidade sendo capaz de promover mudanças sociais e econômicas no local. Para se chegar ao resultado da análise, foi utilizada a investigação qualitativa, o estudo de campo, a observação participante e a entrevista com roteiro estruturado em que os dados foram apresentados em forma de gráficos. Percebeu-se com a investigação que o Turismo de Base Comunitária pode contribuir com a geração de emprego e renda e a preservação dos atrativos naturais, culturais e históricos da comunidade. Contudo, a pesquisa nos mostra que a maioria dos entrevistados concorda com a implementação da atividade, porém é evidente que a comunidade precisa de uma capacitação para que se possa implantar esse segmento turístico no local.

Palavras-chave: Comunidade. Praia do Poço. Turismo de Base Comunitária. Desenvolvimento.

Abstract

This text aimed to understand if Community Based Tourism could be developed in the Praia do Poço Riverside Community, which is located in the municipality of Santo Antônio de Leverger in the state of Mato Grosso. And as a specific objective sought to understand if the community would agree with this activity. The article is essential, as it shows us how TBC can be an important community development tool being able to bring about social and economic change on the spot. To reach the result of the analysis, qualitative research, field study, participant observation and structured script interview were used, in which data were presented in graphs. Research has shown that Community-based tourism can contribute to the generation of employment and income and the preservation of the natural, cultural and historical attractions of the community. However, research shows that most respondents agree with the implementation of the activity, but it is evident that the community needs training to be able to deploy this tourism segment on site.

Keywords: Community. Well Beach. Community Based Tourism. Development.

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá. mariajuliaarrudamg98@gmail.com

² Professora Orientadora. Doutora em Educação e Docente do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá do Curso de Bacharelado em Turismo e Eventos Integrado. ana.monlevade@cba.ifmt.edu.br

INTRODUÇÃO

A atividade turística tomou novos rumos após a Segunda Guerra Mundial, surgindo diferentes caminhos, como por exemplo, o aumento de viajantes, que aperfeiçoaram o seu desenvolvimento e apontaram os riscos e as oportunidades até então não percebidos. Os viajantes passaram a ser vistos em todo o mundo, em grande quantidade e pelas razões mais diversas. O turismo massivo assim, se consolidou e atualmente, em virtude das viagens econômicas (menor custo, em função das parcerias com companhias aéreas e de outros setores) e dos pacotes turísticos organizados pelas agências e operadoras, possibilitou a visita de novos destinos e a realização dos sonhos de muitas pessoas (PANAZZOLO, S/D). Ainda de acordo com o autor o turismo de massa possui seu lado positivo e negativo, esse precisa ser minimizado, pois as consequências do excesso de pessoas em um mesmo lugar podem ser irreversíveis, como por exemplo, a degradação do meio ambiente causado pelo acúmulo de lixo e também a esse uso desordenado de espaços naturais.

Em contraponto, Coriolano (2008), destaca a importância do turismo de base comunitária (TBC), que é um dos segmentos que busca diminuir o turismo de massa, pois é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo. Nele o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes, seja de pescadores, ribeirinhos, pantaneiros, quilombolas, morroquianos, agricultores familiares, grupos indígenas, etc. Uma das primeiras ações que as comunidades realizam é a elaboração de um pacto interno com os próprios residentes em defesa de suas propriedades.

Já para a WWF Brasil (2003), usa o termo turismo responsável, para esse segmento e destaca que é um tipo de turismo que busca valorizar e conservar os recursos naturais e culturais, trazendo benefícios para as comunidades locais e preservando aquele espaço para que as próximas gerações também possam ter acesso ao local sem estar degradado.

Outro conceito bem interessante de turismo de base comunitária é do Projeto Bagagem,³ que aborda essa base comunitária como ferramenta de desenvolvimento e

³ Turisol (S/D). O Projeto Bagagem é uma ONG cuja missão é fomentar o turismo de base comunitária como ferramenta para valorização e desenvolvimento sustentável do turismo no Brasil.

valorização de comunidades no Brasil. Segundo ele o turismo de base comunitária não é um segmento, mas sim uma forma de se fazer turismo na qual a comunidade é a principal protagonista, cuja busca é diminuir o impacto ambiental, conservar o meio ambiente, e geração de emprego e renda por empreendimentos turísticos, possibilitando benefícios e revertendo o desenvolvimento para a população local.

Em um recorte espacial, o local escolhido para a pesquisa foi a Comunidade Ribeirinha Praia do Poço, que está localizada a 10 km do município de Santo Antônio de Leverger no Estado do Mato Grosso. De acordo com os moradores a comunidade é formada por aproximadamente 29 famílias, sem contar os chacareiros que ficam lá só durante o final de semana. Ninguém sabe ao certo quando a comunidade surgiu, mas todos acreditam que a principal fonte de renda desde que a comunidade foi criada vem da pesca.

Assim, observa-se na localidade que devido ao excesso de pescadores amadores, a fonte de renda tem se esgotado e alguns locais da comunidade estão sendo degradados. Desta forma, considerando em fazer algo que possa ajudar a comunidade a diminuir os impactos ambientais e sociais negativos e ao mesmo tempo proporcionar mais renda e valorização da cultura local, pensou-se na possibilidade de implementação do Turismo de Base Comunitária, pois o mesmo permite que as famílias controlem o seu desenvolvimento e façam a sua gestão. Este segmento está ancorado na gestão participativa e/ou familiar das estruturas e serviços oferecidos aos visitantes e turistas, sempre respeitando o ambiente natural, social e histórico/cultural.

Desta forma, o trabalho teve como problema compreender se o TBC poderia ser desenvolvido na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço e se a comunidade concordaria com essa atividade. Levando em consideração as características culturais, naturais, históricas e a forma de organização social da comunidade, temos a hipótese de que o turismo de base comunitária seria aceito e incrementado a partir da gestão associada/compartilhada dos seus atrativos turísticos pelas famílias que lá historicamente residem permitindo uma nova fonte de renda.

Então para que isso ocorra o presente trabalho teve como objetivo geral a investigação da possibilidade de implementação do turismo de base comunitária na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço, tendo como foco a participação dos moradores. E como objetivos específicos: apresentar os atrativos turísticos naturais, históricos e culturais do local; verificar se a comunidade concorda com a implantação da atividade

turística, mesmo sendo de baixo impacto como o turismo de base comunitária e identificar como o turismo de base comunitária pode ajudar as famílias da comunidade.

A razão da escolha deste tema foi pelo fato de fazer parte daquela comunidade⁴, como neta e filha de pescadores dessa região entendo que devo falar daquele local, pois é um lugar tradicional, com uma cultura muito evidente, de um povo humilde e com muita sabedoria. Além de tudo, existe também uma quantidade muito grande e desordenada de turistas/visitantes no local, fazendo com que a principal fonte de renda das famílias ribeirinhas da Praia do Poço esteja cada vez mais escassa.

Então, através desta pesquisa buscou-se compreender como se daria a possibilidade de implementação do Turismo de Base Comunitária na Praia do Poço, apresentando conceitos, definições e ferramentas, que auxiliem na implantação da atividade turística, com base nas pessoas que lá vivem, bem como na história, cultura e organização social daquele local, buscando oferecer as famílias da comunidade, a possibilidade de uma nova fonte de renda viável.

Metodologia

O presente artigo trata-se de uma investigação qualitativa. Neste tipo de pesquisa os investigadores frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto, entendem que as ações podem ser melhores compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, eles estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Trata-se também de uma pesquisa exploratória. O objetivo deste tipo de pesquisa é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos aonde envolvem levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

⁴ Neste momento escrevo em 1ª. pessoa pela escolha do tema se tratar de algo pessoal.

Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido (GIL, 2008).

Temos ainda o estudo de campo que procura mais o aprofundamento das questões propostas. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa. No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação (GIL, 2008).

Desta forma, a observação participante ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. A observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação (GIL, 2008).

Utilizou-se também da história oral enquanto metodologia de pesquisa, pois a partir das narrativas das memórias dos(as) moradores(as) locais que participaram e/ou testemunharam acontecimentos, modos de vida e conjunturas do passado e do presente, foi possível construir parte da história da Comunidade Praia do Poço.

Já como instrumentos de coleta de dados foram realizadas entrevistas com roteiro estruturado. Ao todo, 11 moradores(as) aceitaram participar da pesquisa e foram entrevistados(as) no mês de maio de 2019. Além disso, foram utilizados documentos e fotos da comunidade.

1. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

1.1 Turismo de Base Comunitária

Com o aumento de pessoas mais conscientes pela proteção do meio ambiente e da biodiversidade do planeta terra, a prática do TBC que pode ser classificado (...); também como turismo comunitário, solidário e de conservação, vem crescendo e ganhando visibilidade (...); como uma alternativa de ajudar na preservação, na conservação e na proteção do planeta.

De acordo com o MTUR (2010), as experiências de turismo de base comunitária começaram em meados do ano 1990. Primeiramente, o ministério atendeu algumas associações isoladas que praticavam o TBC (turismo de base comunitária), então o poder público começou a apoiar projetos porque viu que aquele trabalho realmente gerava renda. Portanto, nos anos de 2006/2007 tanto representantes de turismo de base comunitária quanto pesquisadores acadêmicos exigiram do poder público uma ação mais elaborada para o reconhecimento da prática desse tipo de turismo. Em vista disso, o MTur decidiu apoiar essas ações por meio de processo seletivo de projetos.

Algumas premissas para fomentar o TBC no país estão inseridas nas políticas públicas e no Plano Nacional de Turismo, em que o modelo de projeto tende a contemplar e apropriar a força e o aumento de mercado com a distribuição de renda ajudando na diminuição da extrema pobreza, da fome e garantindo a sustentabilidade do meio ambiente.

O TBC surgiu na década de 80, como uma estratégia para diminuir a pobreza, pois de acordo com Mielke e Pegas (2013) esse tipo de turismo foi criado como uma metodologia que serviria como um modelo alternativo de desenvolvimento turístico, na qual as comunidades são as principais beneficiadas. Os autores contam que o turismo de base comunitária teve início por meio de dois processos criados pela *World Wide Fund for Nature* (WWF), o ecoturismo e o turismo de base comunitária. A ideia desses processos é promover o turismo nas comunidades perto de áreas de conservações, por meio de projetos que desenvolvam o turismo que não afetem o meio ambiente e acabe com a pobreza no local, o princípio básico dos projetos é ajudar na melhoria de vida dessas regiões que são excluídas do sistema econômico do governo, ou seja, o turismo nessas regiões seria uma ferramenta que ajudaria na geração de renda e na conservação da biodiversidade.

No entanto, a maioria dos projetos de turismo de base comunitária no Brasil enfrentam alguns problemas, a razão desse resultado é dada pela falta de gestão turística envolvendo acesso ao mercado e governança interna, isso acontece porque a comunidade não interpreta o papel do turismo como um mecanismo que pode agregar valor na geração de renda e emprego. O acesso ao mercado fica difícil porque a comunidade não estabelece uma comunicação para que se possa ter parcerias com os canais de distribuição tornando isso uma intervenção para se ingressar no mercado, porque a comunidade não foi preparada adequadamente para fazer esse processo.

Para os autores Kukiel; Costa; Mariani (2016), o turismo de base comunitária passou a ser realizado com mais rigor a partir da década 1980, motivado pelo ambientalismo que é o movimento que busca defender e preservar o meio ambiente. Dentro das comunidades o empoderamento é melhor forma de mudança social, que se dá através do desenvolvimento local, por causa desse desenvolvimento o grupo ganha uma autonomia em que conseguem compreender melhor o território onde vive.

Esse território⁵ é construído de uma forma que atenda as pessoas que moram naquele determinado local por meio da sua relação com aquele lugar, ou seja, esse território vai se organizando por meio das questões culturais, sociais, ideológicas, e etc. Acarretando em uma organização de trabalho na qual se cria estratégias e ações para alcançar objetivos traçados coletivamente, promovendo mudanças e melhorias na vida local, vale dizer também que durante a caminhada para alcançar esses objetivos vão acontecer diversas discussões, desavenças e conflitos entre o grupo, tudo isso para que os recursos internos sejam aproveitados da melhor maneira possível e o resultado final alcance o objetivo esperado. Lembrando que o turismo de base comunitária não está ligado somente nas atividades de agricultura, está ligado também a outras atividades como conservação do meio ambiente, educação ambiental, agricultura ecológica, lazer e entre outros.

O Turismo de Base Comunitária ou (TBC) segundo Fabrino (2013), se consolidou na última década no Brasil, e vem aumentando cada vez mais a atividade turística em comunidades. Para ela é uma forma de desenvolvimento ligado aos recursos naturais, humanos e de infraestrutura. A autora ressalta em seu artigo sobre turismo de base comunitária que o TBC não representa um segmento de mercado e sim uma forma

⁵ Pena (S/D). O território é usualmente definido como uma área do espaço delimitada por fronteiras a partir de uma relação de posse ou propriedade, seja essa animal ou humana. Essa última apresenta versões políticas, culturais.

de desenvolvimento para o turismo, e que a comunidade em si é autora do seu próprio avanço, ou seja, ela é principal envolvida no turismo de base comunitária, pois é quem irá desenvolver e tomar decisões no TBC.

De acordo com Leão (2016), as atividades de turismo de base comunitária são bem recentes elas acontecem há uma década, e tem chamado bastante a atenção nos últimos anos, e só pode ser desenvolvido se a comunidade for a protagonista do destino, também tem o fato de ser o contraponto do turismo massificado, permitindo que os turistas tenham acesso a outros destinos onde a principal atração é a valorização do patrimônio cultural, natural e local deixando em evidencia as heranças culturais e tradições locais. A autora diz ainda que a prática desse tipo de turismo pode proporcionar vários benefícios para a comunidade como, a criação de emprego, geração de renda, a recuperação de costumes antigos, a valorização da cultura, a preservação dos recursos naturais, o melhoramento da infraestrutura e o aumento da economia local. A proposta de turismo de base comunitária como uma oposição ao turismo massivo se dá através das relações horizontais e tem a participação de comunidades e sujeitos externos como protagonistas nas tomadas de decisões através de empreendimentos comunitários como cooperativas, microempresas, sindicatos entre outras formas livres como a associação. Essas organizações precisam compartilhar a horizontalidade, ou seja, dividir poderes, saberes, transparência, confiança, como uma forma de cooperação e solidariedade esperado.

Ressaltando que o turismo de base comunitária não possui apenas uma definição, mas sim vários conceitos que estão sempre ligados a alguns itens fundamentais como o protagonismo da comunidade, que traz os moradores da comunidade como a peça fundamental para que a atividade turística dê certo no local, ou seja, são os moradores que irão controlar, conduzir e executar o projeto dentro da comunidade. Porém, existe o apoio externo que é de suma importância para que o projeto de certo, como as ONGs, as universidades, e entidades especializadas, que entram com o papel de orientar e ajudar os moradores a desenvolver o projeto no local.

Outro conceito que está ligado é o recurso natural e cultural, como recurso natural podemos citar tudo aquilo que está ligado a natureza no local e o recurso cultural são as atividades tradicionais e o modo como as pessoas vivem, ou melhor, os turistas terão a oportunidade de descobrir, conhecer e interagir com as dinâmicas da comunidade através de diálogo, troca e compartilhamento de vivências das pessoas que lá moram. Também tem o conceito de geração de benefícios para as comunidades, que é

um componente de destaque entre os conceitos, pois toda a renda gerada dentro da comunidade será revertida para própria comunidade podendo ajudar em questões de infraestrutura e questões sociais. O arranjo socio produtivo de base local também é outro conceito bem importante, pois nos mostra uma proposta de complemento do serviço turístico por que os dois se desenvolvem no contexto territorial.

Como vimos o turismo de base comunitária é dotado de várias denominações, que engloba vários conceitos, sendo que a prática dele é bem importante principalmente agora em que o planeta está sendo danificado por causa da poluição constante. O TBC chega num momento em que o setor turístico precisa achar algumas alternativas para contribuir com a preservação e ajudar comunidades muitas vezes esquecidas pelos governantes e que são desprovidas de recursos para a melhoria de infraestrutura.

O TBC dá as comunidades uma autonomia fazendo com que elas não fiquem dependentes somente do poder público, mas sim, faz com elas possam buscar mais meios que a ajudem a ter esse controle sobre suas próprias terras. Essas comunidades vendem experiências que são passadas através da sua cultura, dos recursos naturais, das tradições, do modo de vida, ensinando os visitantes como se dá sua existência.

1.2 Comunidade Ribeirinha Praia do Poço

A palavra Comunidade vem do latim *Communitas*, “comunidade, companheirismo”, de *Communis*, “comum, geral, compartilhado por muitos, público” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2019). Antigamente, significava que a terra e os recursos existentes nos lugares podiam ser utilizados por todos, de acordo com a necessidade de cada um.

Já na sociedade moderna, a comunidade – uma organização coletiva – ganhou o sentido de reivindicação e luta por melhores condições de vida e igualdade de direitos.

A comunidade é o lugar humano da vida. Desde tempos antigos foi e segue sendo o lugar social arrancado da natureza, ou nela encravado ainda, em que pessoas, famílias e redes de parentes e “comumeiros” reúnem-se para viver suas vidas e dar, entre palavras e gestos, um sentido a ela. Em termos modernos, a comunidade é o lugar da escolha. É a associação, quanto mais livre e auto-assumida melhor – de pessoas que se congregam para serem, em meio a um mundo como o da grande cidade, o que desejarem ser nela, ou por oposição a ela (MAFFEZOLI; BAUMAN *apud* BRANDÃO; BORGES, 2014, p. 02);

Entende-se que comunidades são diferentes grupos humanos sob o ponto de vista cultural que historicamente reproduzem seu modo de vida, com base no trabalho cooperado e relações próximas com a natureza. São pessoas que escolheram viver juntas e participar de uma vida em comum em grupo.

Segundo Coriolano (2009, p. 45):

[...] a comunidade é um grupo social residente em pequeno espaço geográfico, cuja integração de pessoas entre si e dessas com o lugar cria identidade muito forte que tantos habitantes como o lugar são identificados como comunidade. [...] Pequeno grupo de pessoas com seu modo próprio de ser e sentir, com suas tradições religiosas, artísticas, seu passado histórico, costumes típicos, seu “estilo” de vida familiar e social, suas atividades produtivas, problemas, necessidades, suas aspirações; vivendo em um mesmo lugar e tendo, sobretudo, consciência desta vida comum, tudo isso junto forma a ideia de comunidade.

Ou seja, o que realmente importa no sentido de comunidade são os interesses em comum. A diferença entre o viver “na” e ser “da” comunidade está no sentido de pertencimento, afinidade, na relação de reciprocidade e na formação de uma identidade com o lugar (SOUZA; BRANDÃO, 2012).

Grande parte das relações sociais que ocorrem dentro de uma comunidade está vinculada aos laços de parentescos existentes e também porque as pessoas não apenas vivem no local, mas participam da vida comum do lugar, a partir da uma solidariedade que é inerente a estes seres humanos.

Assim, ocorre na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço. Lugar em que as pessoas se preocupam com a convivência humana mais do que a acumulação, que resistem às mudanças do consumismo, que guardam valores tradicionais sem a preocupação de serem taxadas de antigas e antiquadas (CORIOLANO, 2009).

A história da comunidade está ligada ao surgimento do município Santo Antônio de Leverger, que começou a ser povoado a partir de uma expedição feita pelos bandeirantes paulistas, em que estavam subindo o rio Cuiabá que na época estava cheio, em busca de ouro descoberto por Miguel Sutil, algumas embarcações foram atacadas por índios do povo Guató, e foram afundadas fazendo com que alguns membros da expedição morressem.

Então, na manhã seguinte continuaram a seguir viagem, mas uma das embarcações que carregava a imagem de Santo Antônio, encalhou num banco de areia, depois de muito esforço para sair daquele lugar tiveram a ideia de jogar todos os

pertences fora e mesmo assim não saíram do lugar então decidiram retirar a imagem do Santo do barco e o mesmo deslizou rio abaixo, logo após veio outra embarcação que decidiu levar a imagem e novamente se repetiu a história.

No local foi erguida uma capela que deu origem a um povoado de pescadores e agricultores. Em 1890 Santo Antônio foi desmembrado do município de Cuiabá dando origem ao município de Santo Antônio do Rio Abaixo e depois Santo Antônio de Leverger, o nome é uma homenagem ao Santo Padroeiro da cidade e ao almirante Augusto Joao Manuel Leverger mais conhecido como Barão de Melgaço por ter sido herói da Guerra do Paraguai impedindo a invasão Paraguaia em Cuiabá. Ao longo do tempo, dentro do município, foram surgindo várias comunidades, sendo a maioria ribeirinhas que ajudam economicamente o município de Santo Antônio de Leverger.

Assim, o objeto de estudo é a Comunidade Ribeirinha Praia do Poço que está localizada a 10 km, do município de Santo Antônio de Leverger/MT, e a 25 km da cidade de Cuiabá. O acesso a comunidade (imagem 01) se dá através da rodovia Palmiro Paes de Barros ou MT-040 que liga Santo Antônio de Leverger ao município de Barão de Melgaço.

Imagem 01: Referências para se chegar a Comunidade



Fonte: Adaptado pela autora (2019)

A história da comunidade foi escrita a partir das entrevistas realizadas com moradores(as) locais, sendo eles(as): Sra. Julia Pinto da Fonseca, Sra. Ana Maria da Conceição Fonseca, Sra. Maria do Bom Despacho Fonseca Oliveira, Sr. Gervásio Rodrigues de Oliveira e Sra. Maria Domingas de Arruda.

Conforme explica a Sra. Júlia Pinto da Fonseca (2018), brancos, negros e mestiços fugidos de guerra⁶ chegaram neste local que hoje é a comunidade e partir daí começaram a construir suas casas, plantar, caçar e pescar para sobreviver. A população foi aumentando e começou então a surgir umas das primeiras rendas da comunidade através da rapadura que era fabricada no local e vendida. Logo depois passou a ser a pesca por viverem ao lado do rio e ter uma grande procura de peixe (informação verbal)⁷. Atividade esta que permanece sendo uma das formas de subsistência dos trabalhadores e das trabalhadoras que lá se encontram. Atualmente existem na comunidade por volta de 29 famílias.

Já segundo o casal Gervásio Rodrigues de Oliveira e Maria do Bom Despacho Fonseca Oliveira (2019), os mais velhos contavam que a comunidade começou a existir a partir de outro agrupamento chamado “Poço”, inclusive a entrada para o local era realizada pelo “Poço”. Com o passar dos anos algumas famílias foram se apropriando daquelas terras e transformaram o local na Comunidade Praia do Poço. Sendo que o nome foi dado, pois as plantações se encontravam próximas a Praia e Poço originário do outro agrupamento (informação verbal)⁸.

Com relação a citada apropriação, a Sra. Maria Domingas de Arruda (2019) explica que as terras da comunidade foram doadas pelo Sr. Bernardo Antônio de Oliveira, avô paterno do ex-governador Dante Martins de Oliveira para Nossa Senhora da Conceição. Assim, cada família adquiriu um pedaço para construção de casa e roças fazendo com que a Comunidade Praia do Poço começasse a existir (informação verbal)⁹.

Todavia a Sra. Ana Maria da Conceição Fonseca (2019), explica que a partir da doação das terras para Nossa Senhora da Conceição, alguns entenderam que o correto era dividir o espaço entre as famílias locais, porém nem todos concordavam. A divisão

⁶ A senhora Júlia não se recorda exatamente o ano e qual guerra seus avós falavam, mas acredita que as pessoas vivem na comunidade há cinco gerações aproximadamente.

⁷ Entrevista concedida a Maria Júlia Azevedo de Arruda em 16 de novembro de 2018.

⁸ Entrevista concedida a Maria Júlia Azevedo de Arruda em 11 de abril de 2019.

⁹ Entrevista concedida a Maria Júlia Azevedo de Arruda em 11 de abril de 2019.

só ocorreu quando as pessoas contrárias ao compartilhamento entenderam que a Santa não precisava de terras, pois já possuía o seu lugar. Então os espaços foram medidos e repartidos e uma igreja foi erguida em sua homenagem (informação verbal)¹⁰.

Já de acordo com Souza (2004), a Praia do Poço é uma das comunidades que, com pequenas agriculturas como arroz, feijão, milho, mandioca e outros, abastecia os povos que vieram em busca do ouro na região. Os moradores arriscam dizer provavelmente com razão, que a comunidade de Praia do Poço seja mais velha que Santo Antônio do Leverger. É um lugar agradável, com frondosas árvores frutíferas, indicando que são muito antigas, igualmente a comunidade.

Essas histórias não nos permite saber exatamente o ano de criação da comunidade, porém, nos permite ter uma noção de quanto tempo a comunidade existe, pois através de seus moradores percebemos que a Praia do Poço é bem antiga e ninguém lembra exatamente quem foi o primeiro morador ou até mesmo qual casa da comunidade foi a primeira a ser construída.

1.3 Atrativos Turísticos na comunidade Praia do Poço

A comunidade possui alguns atrativos turísticos, dentre eles o Rio Cuiabá que é a paisagem e o atrativo principal. Passa por toda a comunidade chamando bastante a atenção pela beleza de suas diversas curvas. Por ser uma área que ainda não está totalmente poluído (como ocorre dentro da capital), acaba atraindo muitos pescadores e visitantes para a região. O rio também é a principal fonte de renda dos moradores da comunidade.

De seis em seis meses, a paisagem do Rio se modifica pelo fato do lugar fazer parte do Pantanal¹¹. Geralmente de outubro a março, o Rio enche tanto que passa pela porta das casas dos moradores da comunidade e cobre totalmente as ruas (imagem 02). Já de abril a setembro, também chamado de período da seca, o rio vaza chegando a formar praias ao longo dele, tornando o lugar favorável para o lazer de diversos visitantes e moradores.

¹⁰ Entrevista concedida a Maria Júlia Azevedo de Arruda em 11 de abril de 2019

¹¹ Pertencem ao Pantanal mato-grossense os seguintes municípios: Barão de Melgaço, Cáceres, Curvelândia, Itiquira, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antônio do Leverger (BRASIL, 2019).

Imagem 02: Rio Cuiabá no período da cheia



Fonte: SECOM/MT (2010)

Outro atrativo do local é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (imagem 03) e (imagem 04). De acordo com a pintura que se encontra no centro da igreja, a mesma foi construída no ano de 1997. Desde sua inauguração o espaço é palco da tradicional festa da Santa padroeira da comunidade que acontece no dia 8 de dezembro. Este evento tem início dias antes com a arrecadação da famosa esmola para ajudar nos custos da festa, e no dia da Santa, a programação começa na parte da manhã com a procissão pela comunidade e depois tem a missa e o almoço dançante.

Imagem 03: Igreja N. Sra. da Conceição



Fonte: Arruda (2019)

Imagem 04: Rampa Comunitária



Fonte: Arruda (2019)

Além disso, no dia 12 de outubro realiza-se também a festa de Nossa Senhora Aparecida, que também tem início dias antes com a arrecadação das esmolas em outras

comunidades. Já no dia 12 o evento começa com a realização da procissão pela comunidade e logo após realiza-se a missa. Depois é servido o café da manhã e em seguida o almoço com bandas regionais. No período da tarde acontecem várias brincadeiras e gincanas para diversão das crianças, pois além de se comemorar o dia da Nossa Senhora Aparecida também se comemora dia das crianças.

Todavia, Souza (2004), explica em sua dissertação que muitas tradições do lugar não existem mais. Que antes folgavam o cururu e dançavam siriri, danças típicas que já foram marco da cultura da região e que ainda permanecem vivas somente nas festas da padroeira, e no Poço (outra comunidade) tem a Festa do Sr. Menino e de N. Sra. Do Bom Despacho todos os anos. Antes essas festas duravam de 4 a 5 dias, usavam carro de boi e matavam reses assim que ia acabando a comida da festa. Todavia, vários costumes e tradições desses festejos já se perderam com o tempo.

Existe também a escola que foi construída no ano de 1949 de acordo com a certidão de certificado registrado no cartório 2º ofício (imagem 05). O lugar onde a escola está hoje, foi uma doação de 1 hectare das terras do então prefeito da época, Alfredo da Costa marques. Naquele tempo a escola era estadual e depois passou a ser municipal atendendo a comunidade e seu entorno.

Imagem 05: Escola Municipal da Praia do Poço



Fonte: Arruda (2019)

Segundo Souza (2004), a escola municipal de Praia do Poço, estava desativada até o início de 2004, por falta de professora, pois esta não conseguia chegar ao trabalho todos os dias por morar muito longe da comunidade. Em março de 2004, a escola voltou

a funcionar atendendo as crianças na faixa escolar de 1 a 4. Naquele período, existiam duas turmas e duas professoras que moravam na própria comunidade.

Atualmente a escola ainda está em funcionamento, porém com menos alunos e todos na faixa 1 a 4 anos. A maioria é da comunidade e outros são da comunidade vizinha. A escola atende apenas ensino fundamental, conta com uma professora e uma merendeira, que se deslocam do município de Santo Antônio de Leverger para a comunidade.

Ainda temos como atrativo turístico o Bar e Restaurante Encontro dos Amigos (imagem 06), que possui um atracadouro (imagem 07), para fazer a descida de barcos de turistas, visitantes ou até mesmo de pescadores locais.

Imagem 06: Bar Encontro dos Amigos



Fonte: Arruda (2019)

Imagem 07: Atracadouro do Bar Encontro dos Amigos



Fonte: Arruda (2019)

E o Bar da Rosalina (imagem 09), que além de ser pesqueiro, faz a travessia dos pescadores que não tem barco (imagem 10), para o outro lado do rio, também faz a travessia de moradores da comunidade vizinha.

Imagem 09: Bar da Rosalina



Fonte: Arruda (2019)

Imagem 10: Porto do Bar da Rosalina



Fonte: Arruda (2019)

A Comunidade também possui um mini estádio e uma quadra esportiva. Segundo Souza (2004), nunca houve plano por parte da gestão pública para o turismo, ou seja, a prefeitura disse que apoiaria os ribeirinhos, mas isso nunca se cumpriu. Os políticos nunca conversaram com a comunidade para saber o que mais precisam. Foi construído um campo de futebol que é chamado de “mini estádio”. O espaço serve mais como pastagem para os bois e cavalos, posto que na comunidade a maioria dos moradores são idosos ou crianças pequenas, não podem ocupar sozinhas este espaço, pois necessitam de atenção e cuidados.

Atualmente, a situação continua a mesma. A exceção é o campeonato de futebol que de vez em quando é organizado por alguns moradores, além do tradicional jogo dos solteiros contra casados que ocorre nas festas do final do ano. Fora isso, o espaço fica ocioso durante todo o ano, já a quadra esportiva é usada pelas crianças nos finais de semanas e para as festas que ocorrem na comunidade, como aniversários, as festas de santo, chás de bebe, entre outros. A seguir, na imagem 11, apresentamos uma representação dos atrativos turísticos que a comunidade possui.

Imagem 11: Representação dos Atrativos Turísticos da Comunidade Ribeirinha Praia do Poço



Fonte: Adaptada pela autora (2019)

Ainda segundo Souza (2004), os moradores são extremamente receptivos e hospitaleiros, estando sempre dispostos a contar suas histórias e gostam de fazer isso. As pessoas são amáveis e atenciosas. Os mais velhos gostam de relembrar a vida de fartura que tinham no passado. Trabalhavam muito, porém, não faltava nada. Produziam quase tudo e o que não produziam praticavam a troca com os vizinhos. Contam com saudade a época em que faziam rapadura para sustentar a família.

2. POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA PRAIA DO POÇO

O objetivo desta etapa é analisar o resultado dos dados levantados sobre a possibilidade de implementação do Turismo de Base Comunitária na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço. O presente resultado foi obtido a partir de 11 entrevistas realizadas com os moradores do local (no mês de maio de 2019) a partir de um roteiro estruturado.

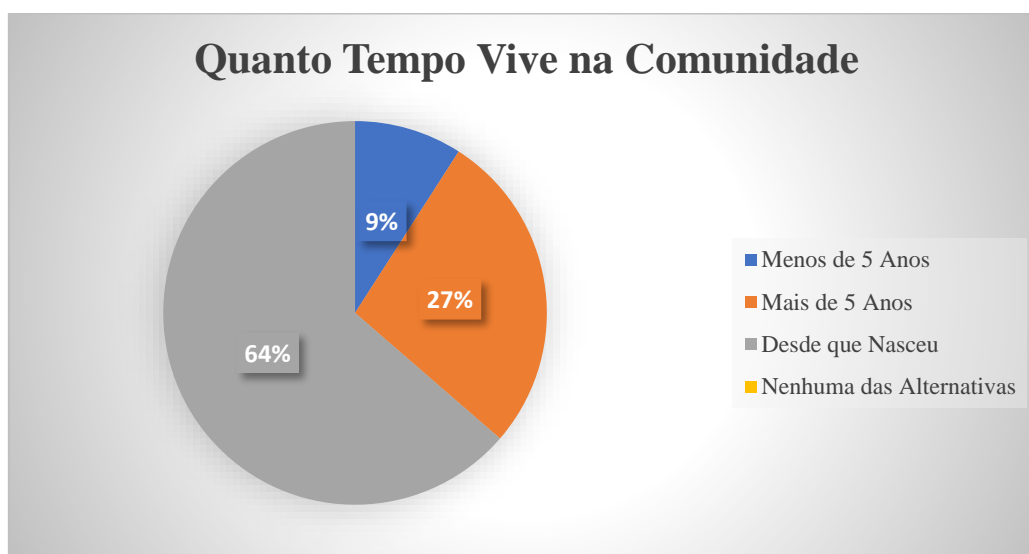
No roteiro de entrevista, as seguintes perguntas foram abordadas:

- Quanto tempo vive na comunidade?

- Qual a sua ocupação?
- O que você entende por turismo?
- Em sua opinião existe algum tipo de turismo na comunidade?
- Em sua opinião como o turismo poderia ajudar a comunidade?
- Concordaria com a implementação de qual tipo na comunidade? Por quê?

Com base na elaboração dessas perguntas obteve-se os seguintes resultados:

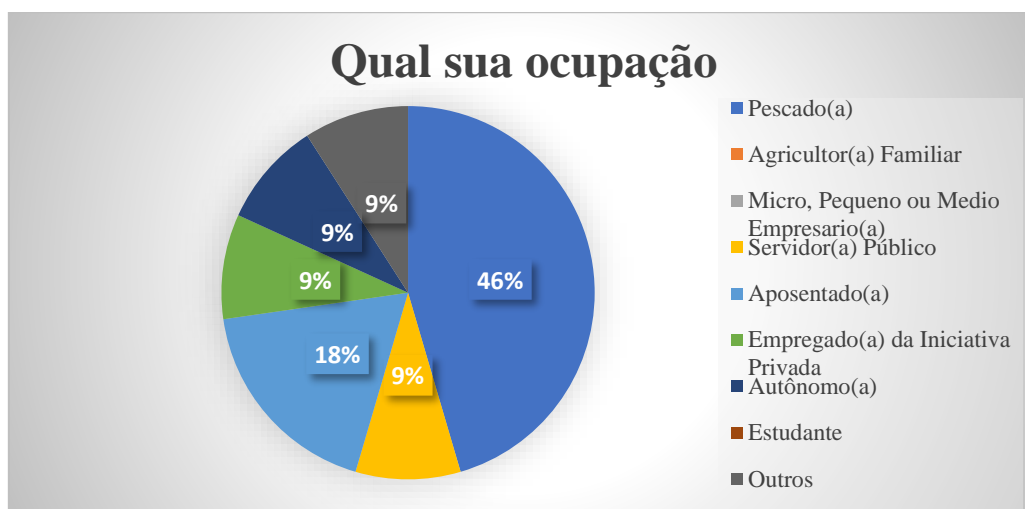
Gráfico 01 - Percentual de quanto tempo as pessoas vivem na comunidade



Fonte: Organizado pela autora (2019)

De acordo com os dados alcançados, 64%, ou a maioria, moram na comunidade desde que nasceram. Isso é muito vantajoso, pois são moradores que conhecem profundamente a comunidade e podem opinar com grande conhecimento histórico e da realidade local. Além disso, 27% vivem na Praia do Poço há mais de cinco anos. Ou seja, percebemos que grande parte dos moradores (91%) possui uma relação forte com o espaço/a comunidade, pois há muito tempo – desde gerações passadas – pessoas produzem a vida neste local que possui história e uma cultura ribeirinha evidente. São seres humanos dotados de saberes e conhecimentos profundos sobre a Praia do Poço, por isso aptos a deliberarem sobre a implementação ou não de uma nova atividade econômica no local.

Gráfico 02 - Percentual de qual a ocupação das pessoas vive na comunidade



Fonte: Organizado pela autora (2019)

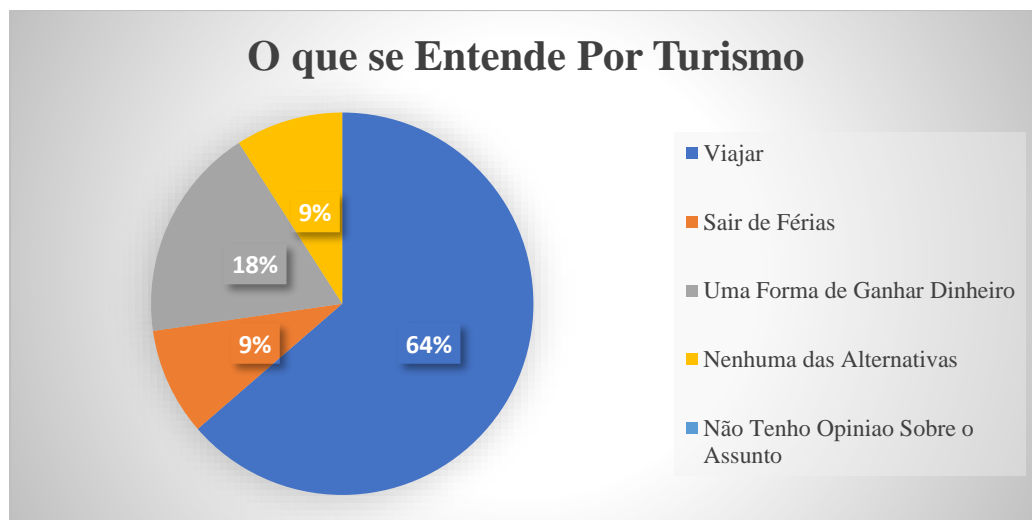
Em seguida questionamos a ocupação dos entrevistados e foi possível compreender que 46% são pescadores, ou seja, a pouca renda vem diretamente do recurso natural mais importante do local, o Rio Cuiabá. Apesar de historicamente a comunidade viver da pesca artesanal, a realidade é que hoje a atividade não é tão rentável como antigamente. Todavia, Souza (2004) revela que durante muito tempo a principal renda da população local foi a pesca e a produção da rapadura, porém a quantidade de peixe no rio diminuiu consideravelmente (devido a todos os problemas ambientais que presenciamos como, por exemplo, a poluição) e a rapadura deixou de ser produzida no local. Ou seja, outras formas de sobrevivência foram encontradas gerando dados que refletem esta situação: 9% são autônomos - ganham a vida através da venda de produtos como panos de pratos, bolos e doces para festas, leite e queijos, entre outros; já 9% estão desempregados e, portanto, necessitam de ajuda para sobreviver, e 9% são empregados(as) da iniciativa privada, tendo que sair da comunidade para trabalhar em Cuiabá para se sustentar.

Além disso, tem-se 18% que são aposentados, a maioria como pescadores. Entre eles, alguns moram sozinhos e reclamam de não ter atividades para realizarem na comunidade. O que observamos é que a partir do turismo essas pessoas poderiam ter alguma ocupação, pois a atividade possibilita o envolvimento do visitante com a comunidade local.

Observa-se então que parte da renda ainda vem da pesca, apesar da atividade não ser desenvolvida e nem tão rentável como antes. Isso mostra como a comunidade

precisa de alternativas econômicas, principalmente aquelas que valorizem o espaço, os saberes tradicionais e a cultura local.

Gráfico 03 – Entendimento sobre o turismo



Fonte: Organizado pela autora (2019)

Questionados sobre o que se entende por turismo, percebemos que o entendimento dos moradores está dentro do senso comum, pois a maioria com 64% acredita que o turismo é viajar, 18% acham que é uma forma de ganhar dinheiro, 9% acham que é sair de férias e 9% acham que não é nenhuma das alternativas. Como a maioria das pessoas, os moradores também não tiveram a oportunidade para descobrir o real significado do turismo.

De acordo com a OMT (2001), o turismo consiste em atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por mais de 24 horas e menos de um ano, ele é o segundo setor em investimentos mundiais, movimentando muitas pessoas no mundo, ainda segundo a fonte, o turismo é uma das maiores fontes de emprego e renda do mundo.

O fato de o tema ser pouco conhecido pelos moradores da Praia do Poço, em parte atrasaria o processo da tentativa de implementação de uma segmentação turística. Todavia, isso é um empasse que pode ser resolvido, pois mostrando e informando-os sobre o que de fato é o turismo, podem descobrir que a atividade é um leque de possibilidades de desenvolvimento e ao se ter esse entendimento, de forma social podem buscar praticar o turismo na comunidade.

Gráfico 04 – Questionamento sobre a opinião da existência de algum tipo de turismo na comunidade



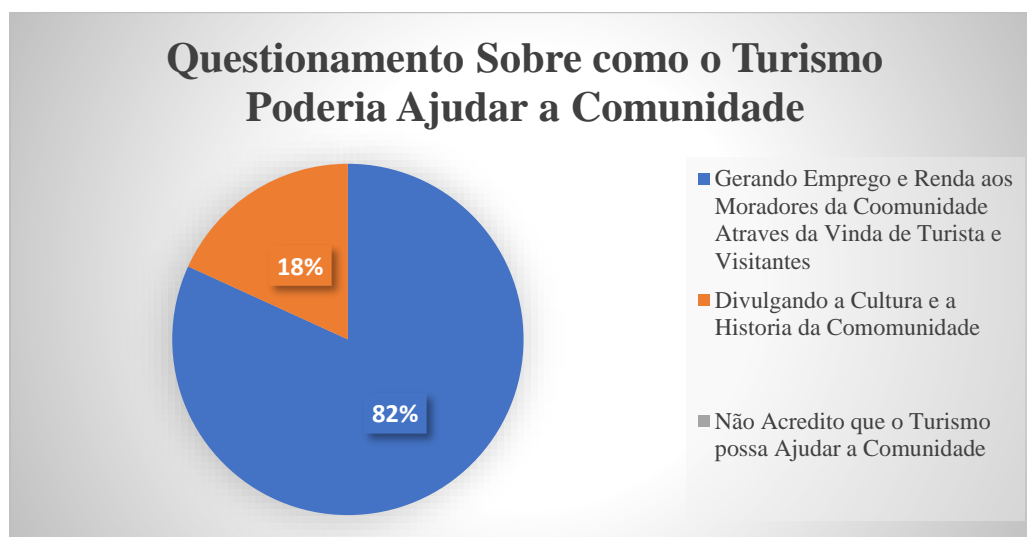
Fonte: Organizado pela autora (2019)

Segundo os dados apresentados 73% das pessoas disseram que existe algum tipo de turismo na comunidade. Questionados sobre qual tipo, temos variadas respostas. A maioria disse que acha que na comunidade existe o turismo de pesca, por conta da movimentação de visitantes no local aos finais de semana nos atracadouros existentes. Pois alguns proprietários cobram dos visitantes para fazer a descida e a subida dos barcos e já outros moradores ganham parte da sua renda mensal (no período da seca) transportando essas pessoas que querem pescar.

Já 27% dos entrevistados disseram que não existe nenhum tipo de turismo na comunidade, e também foram questionados o porquê da resposta, alguns acham que as pessoas que vão até a comunidade é por conta da pesca e não tem interesse pela comunidade, ou seja, acreditam que a pesca não é um atrativo turístico e sim uma forma de passar o tempo. Dizem ainda que é por conta da falta de movimentação no local, e outros acham que não há incentivos por parte do poder público.

Identifica-se com a pergunta realizada que a pesca favorece apenas a minoria da Praia do Poço, visto que para os moradores o turismo de pesca da forma como é realizado, é prejudicial para a comunidade, pois além dos turistas/visitantes degradarem o rio, também estão prejudicando os pescadores da região.

Gráfico 05 – Opinião sobre como o turismo poderia ajudar a comunidade



Fonte: Organizado pela autora (2019)

De acordo com o gráfico, 82% das pessoas acredita que o turismo poderia ajudar com geração de emprego e renda através da vinda de turistas e visitantes a comunidade. Mesmo que o gráfico 03 tenha revelado que os moradores entendem o turismo como “viajar”, percebe-se que quando se apresenta outras alternativas quanto ao entendimento do turismo, os mesmos sabem que a atividade pode ajudar a melhorar a situação social do local a partir de algo que seja planejado e adequado a realidade da comunidade.

Já 18% acha que ajudaria divulgando a cultura e a história da comunidade. Santos (2013) relata que a preservação e divulgação da cultura é muito importante, pois nos remete a formação de identidade de um grupo ou civilização, através de seus costumes, hábitos, tradições, expressões criativas, e estilo de vida das pessoas. Já que o mundo que estamos vivendo hoje é globalizado e por conta da tecnologia todo mundo quer ter os mesmos hábitos, as mesmas coisas, deixando a identidade do local em que vive se perder.

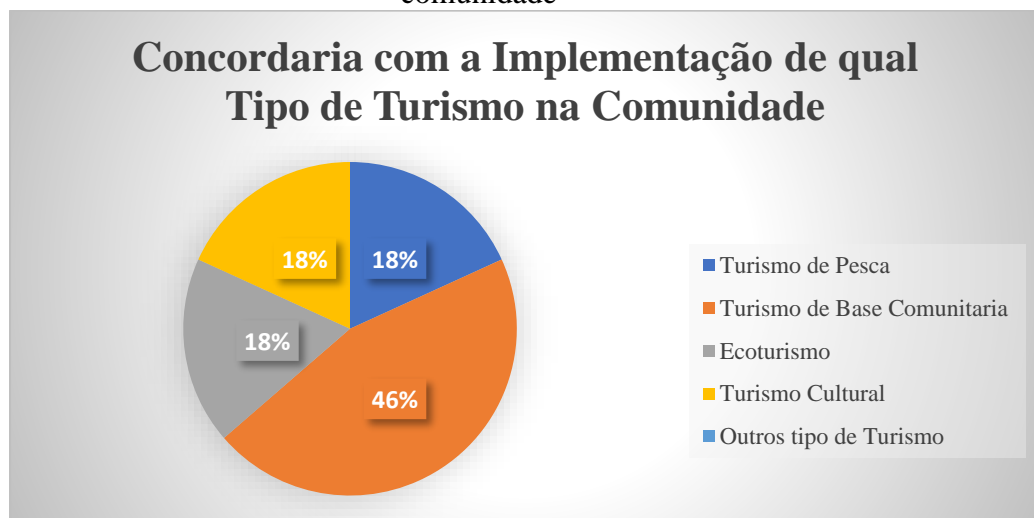
Esses dados nos mostram que depois que se tem o acesso a real informação sobre o assunto e deixam de ser guiados pelo senso comum, os moradores veem uma possibilidade de desenvolvimento no local através do turismo, e com isso poderiam ser mais unidos para ajudar a própria comunidade tanto na infraestrutura quanto na conservação de seus costumes - algo que precisa urgentemente ser melhorado -, como na renda de famílias carentes que moram na comunidade.

Já com relação a pergunta n. 06 – não foi feito gráfico por que todos escolham somente uma opção, sobre a concordância da atividade turística na comunidade, 100%

dos entrevistados concordam com a implantação do turismo no local, e isso é um ponto positivo, pois percebemos que eles não ficam com medo ou receio de implantar uma atividade turística quando o assunto se trata de melhorar, ajudar e desenvolver a comunidade. Em razão da constatação dos gráficos anteriores eles já achavam que na comunidade se tem a prática do turismo, também concordam que o turismo pode gerar emprego e renda e com isso aceitam a implantação do turismo no local.

Talvez a questão seja por causa da comunidade precisar realmente de algum incentivo que a faça reviver novamente. A maioria dos que vivem lá, são idosos ou crianças, então os adultos precisam trabalhar para sustentar suas casas e não tem tempo para fazer nada pela comunidade. Eles possuem interesse de trabalhar em conjunto, pois todos se conhecem, e assim, além de terem uma nova possibilidade de renda irão se reencontrar mais, que é algo que gostam muito de se fazer por lá, e não ficar somente em sua casa deixando a comunidade se perder.

Gráfico 06 – Opinião sobre qual tipo de Turismo concordaria implantar na comunidade



Fonte: Organizado pela autora (2019)

Quando foram questionados sobre qual tipo de turismo poderia ser implantado na comunidade percebemos que a maioria com 56% concordaria em implantar o turismo de base comunitária, pois de acordo com MTur (2010), essa atividade turística é uma contraposição do turismo massificado visando a conservação do meio ambiente e a diminuição da degradação ambiental, baseada no empoderamento e autogestão das comunidades aonde a principal atração turística é o modo de vida que os moradores do local levam.

Já 18% concordaria em implantar o turismo de pesca, que de acordo com o MTur (2010), compreende as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora. Representa uma atividade onde o praticante não depende dela para sobreviver. Ela é praticada por hobby ou esporte, ou seja, compreende em uma atividade lúdica, com o objetivo de lazer e a prática de pescar e soltar. É uma segmentação muito boa para ser praticada na comunidade, mas pelo fato de ser um segmento turístico massificado, está degradando e poluindo o rio na região, então as pessoas que moram lá já estão um pouco receosas em receber esses turistas.

Outros 18% optaram pela implementação do ecoturismo, que segundo a Revista Ecoturismo (2010), o ecoturismo é uma segmentação da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. Ou em outras palavras o ecoturismo é responsável por promover o respeito, aprendizado e consciência sobre a preservação do meio ambiente e da cultura.

E 18% escolheram o turismo cultural, de acordo com o MTur (2010), compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. Ou seja, essa segmentação turística nada mais é do que uma forma de aprendizagem cultural, isso significa que a pessoa ao viajar para outro local irá conhecer uma forma de falar diferente, outras comidas, patrimônios históricos. Ou seja, o turismo cultural é você contemplar e aprender sobre costumes, tradições, hábitos e formas de se viver de outras pessoas.

Com base nos dados apresentados, constatamos que a maioria dos entrevistados concorda com a implantação do turismo de base comunitária, somando mais um ponto positivo para a pesquisa realizada, pois essa atividade turística poderá ajudar as famílias da comunidade através do aumento de turistas mais conscientes no local, diminuindo assim a degradação do rio que é um atrativo natural muito importante para a Comunidade Praia do Poço, ainda ajudaria na preservação dos atrativos culturais como a escola, a igreja, o jeito de se falar, os saberes da população e a história da comunidade. O TBC poderia ajudar também com a geração de emprego e renda para as famílias ribeirinhas, através da sua principal característica que é a autogestão fazendo com a comunidade seja a maior beneficiada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente estudo permitiu compreender se o TBC poderia ser desenvolvido na Comunidade Ribeirinha Praia do Poço e se a comunidade concordaria com essa atividade. Também permitiu entender como essa atividade turística poderia ajudar as famílias ribeirinhas, que necessitam de uma renda secundária, pois boa parte da comunidade ainda vive da pesca, porém a pesca na região não é mais a mesma, tem sido bastante prejudicada em razão da poluição e degradação do rio.

Desta forma, o objetivo geral do artigo era investigar a possibilidade de implementação do Turismo de Base Comunitária na Comunidade, em virtude disso foram pensados em três objetivos específicos para se compreender essa investigação. O objetivo específico inicial era apresentar os atrativos turísticos naturais, históricos e culturais do local, que foi conseguido por meio do levantamento *in loco*, mostrando que a Praia do Poço possui como atrativos o rio, a escola, a igreja, as Festas de Santo, os saberes populares, e os bares e pesqueiros.

O segundo objetivo específico era verificar se a comunidade concorda com a implantação da atividade turística, mesmo sendo de baixo impacto como o turismo de base comunitária. Este objetivo também foi alcançado por meio da realização de entrevistas com roteiro estruturado com moradores(as) da comunidade. Assim, foi possível compreender que a maioria dos(as) entrevistados(as) concorda com a implantação do TBC.

E o terceiro e último objetivo era identificar como o turismo de base comunitária poderia ajudar as famílias da comunidade, e este último foi obtido por meio de um estudo de campo e observação participante. A partir disso foi possível reconhecer que o turismo de base comunitária ajudaria as famílias da comunidade com geração de emprego e renda, além da preservação das suas histórias, costumes, tradições e também do rio, seu bem mais precioso.

Dada a importância do tema, torna-se necessária o desenvolvimento de projetos que deem continuidade a atividade turística no local, pois a comunidade necessita de práticas como o TBC, como uma forma de ajudá-la a preservar e manter a sua história e natureza gerando uma nova fonte de renda. Porém, ainda é preciso instituir medidas, analisar experiências e reconhecer os limites dessa implementação.

Neste sentido a pesquisa partiu da hipótese de que o turismo de base comunitária seria aceito e incrementado a partir da gestão associada/compartilhada dos seus atrativos

turísticos pelas famílias que lá residem permitindo uma nova fonte de renda. Durante o trabalho verificou-se que a hipótese foi confirmada na análise dos resultados, pois as entrevistas mostraram que os(as) moradores(as) concordam com a implantação do TBC, respondendo ao problema da pesquisa.

4. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. O Lugar da Vida: Comunidade e Comunidade Tradicional. **Revista Campo-Território**. Edição Especial do XXI ENGA – 2012, p. 01 – 23, jun. 2014.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Pesca**: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2.ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ana Beatriz Serpa, Karina Cobucci Salles, Kátia T. P. da Silva, Maria Fernanda Barrillari, Rodrigo Ramiro. Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária**: Desafio para a formulação de política pública. 2010. Disponível em: <MTur/ICBC 732061/2010>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BRASIL. **Cadastro Rural**. Municípios que formam o Pantanal mato-grossense. Disponível em: < <http://www.cadastrorural.gov.br/perguntas-frequentes/itr/regioes/223-2014-quais-os-municipios-que-formam-o-pantanal-mato-grossense-e-sul-mato-grossense>>. Acesso em 04 de jun. 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CORIOLOANO. Luzia Neide M. T. O Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro. In: BARTHOLO. Roberto; SANSOLO. Davis Gruber; BURSZTYN. Ivan. **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Brasília/DF: MTur, 2008.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. (Org.). **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário**: Atores e Cenários em Mudança. Fortaleza/CE: EdUECE, 2009.

DICIONÁRIO ONLINE MICHAELIS. **Etimologia Comunidade**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunidade/>>. Acesso em 04 de junho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.

KUKIEL, Éder Damião Goes; COSTA, Edgar Aparecida da; Mariani, Milton Augusto Pasquotto. O turismo de base local e o desenvolvimento territorial do Assentamento 72 em Ladário (MS). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.9, n.1, fev/abr2016, pp.133-151.

LEÃO, Carolina Valéria de Moura. **Turismo de Base Comunitária: outras economias na mira da emancipação social**. 2016. Disponível em: <DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v27i3p644-667>>. Acesso em: 16 abril 2019.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa; PEGAS, Fernanda Vasconcellos. **Turismo de Base Comunitária no Brasil. Insustentabilidade é uma Questão de Gestão**. 2013. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rta/article/view/64176>. Acesso em: 26 mar. 2019.

MITRAUD, Sylvia (Org.). **WWF Brasil. Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramenta para um planejamento responsável**. Brasília, 2003.

FABRINO, Nathália Hallack. **Turismo de Base Comunitária: Dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, 2013.

OMT. **Introdução ao turismo**. Direção e Redação Amparo Sancho; traduzido por Dolores Martins Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.

PANAZZOLO, Flavia de Brito. **Turismo de Massa: um Breve Resgate Histórico e a sua Importância no Contexto Atual**. S/D.

PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é território?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-territorio.htm>. Acesso em 16 de julho de 2019.

TURISOL. **Turismo de Base Comunitária**. Disponível em: <https://www.projetobagagem.org/a-turisol>. Acesso em 25 nov. 2018.

REDAÇÃO. **Confira Imagens Aéreas Da Enchente Em Leverger**. 2010. Reportagem com Apoio da SECOM/MT. Disponível em: <<http://www.levergernews.com.br/materia.php?id=151&pagina=4&id=630>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SANTOS, Helissa Nascimento dos. **A Integração do Turismo e da Cultura Evidenciada no Plano Nacional de Cultura do Brasil**. 2013. Disponível em: <www.uesc.br/revistas/culturaeturismo>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVA, Katia T. P.; RAMIRO, Rodrigo; TEIXEIRA, Breno S. **Fomento ao turismo de Base Comunitária: A Experiência do Ministério do Turismo**. S/D. Disponível em: <www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/...turisticos/.../TBC_ARTIGO_MTur.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2019.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. **Revista Mercator**. Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 109 – 120, set/dez. 2012.

SOUZA, Fátima Lourdes de. **Memória dos Engenhos de Rapadura: Educação Ambiental e o Turismo Cultural em Praia do Poço Santo Antônio de Leverger-MT**. 2004. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004. Cap. 01.

ANEXOS

Autorização de Imagem

Eu, Maria do Bom Despacho da S. Oliveira
(RG. 031981), CPF _____), morador(a)/diretor(a) ou
o cargo que a pessoa ocupa autorizo a gravação de vídeos e fotografias e a veiculação
das minhas imagens e depoimentos/entrevistas em qualquer meio de comunicação para
fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e
restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cuiabá-MT, 03/06 /2019.

B. Oliveira

Assinatura

Autorização de Imagem

Eu, Gervasio Rodrigues de Oliveira
(RG. 032313), CPF _____, morador(a)/diretor(a) ou

o cargo que a pessoa ocupa autorizo a gravação de vídeos e fotografias e a veiculação das minhas imagens e depoimentos/entrevistas em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cuiabá-MT, 03 / 06 /2019.

Gervasio Rodrigues de Oliveira

Assinatura

Autorização de Imagem

Eu, Ana Maria da Conceição Fonseca,
(RG. 01534157), CPF _____), morador(a)/diretor(a) ou
o cargo que a pessoa ocupa autorizo a gravação de vídeos e fotografias e a veiculação
das minhas imagens e depoimentos/entrevistas em qualquer meio de comunicação para
fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e
restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cuiabá-MT, 04 / 06 /2019.

Ana Maria da Conceição Fonseca

Assinatura

Autorização de Imagem

Eu, Maria Domingas A. Arruda,
(RG. 031418), CPF _____, morador(a)/diretor(a) ou
o cargo que a pessoa ocupa autorizo a gravação de vídeos e fotografias e a veiculação
das minhas imagens e depoimentos/entrevistas em qualquer meio de comunicação para
fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e
restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cuiabá-MT, 04/06 /2019.

Maria Domingas A. Arruda
Assinatura

Autorização de Imagem

Eu, Julia Pinto da Fonseca Araujo,
(RG. _____), CPF 87241617134), morador(a)/diretor(a) ou
o cargo que a pessoa ocupa autorizo a gravação de vídeos e fotografias e a veiculação
das minhas imagens e depoimentos/entrevistas em qualquer meio de comunicação para
fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e
restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Cuiabá-MT, 04 / 06 / 2019.

Julia Pinto da Fonseca Araujo

Assinatura